

Queijo *port-salut*.

Imagem: reprodução da Internet

VARIEDADES

JEAN GENET E O QUEIJO PORT-SALUT

JOSÉ MINERINI,
ESPECIAL PARA ARTE & CRÍTICA



Este texto, misto de crítica e crônica, usa palavreado da cultura *queer* e neologismos popularizados pela internet. Caso fuja algo de seu conhecimento, simples buscas on-line ajudarão na compreensão. Mas é bom não ter crianças/menores de idade por perto, pois conteúdos impróprios ou adultificados poderão surgir.

Depois de meses sendo encenada no Rio de Janeiro, *Marginal Genet* esteve em cartaz em São Paulo, no Teatro Ruth Escobar, e agora circula pelo Brasil. É peça dura, desce a mão no universo pesado do parisiense Jean Genet (1910-1986), que teve o texto inédito *Heliogábalo* recém-encontrado em biblioteca norte-americana e publicado inclusive no Brasil, pela Editora Ercolano.

Uma peça teatral sobre esse ladrão, pederasta e poeta não tem como ser diferente. Foi adepto da luxúria *pig* em banheiro imundo de estação de trem, e de rolês sexuais pelos portos em busca de marinheiros carentes de terra e de tudo que nela está. Um dos ex-presidentes do Brasil, investigado pela justiça, ficaria

com a tornozeleira eletrônica rubra se soubesse que Genet talvez tenha feito *golden shower* em seu tempo e escrito sobre tudo isso.

Filho sem pai nem mãe, nascido pior que o Gargântua de Rabelais, era ávido por virilidade, que encontrava em valentões, assassinos, policiais infiéis, michês e anônimos da pegação *plein air*. Preso várias vezes, contou com o apoio de intelectuais como Jean-Paul Sartre e Jean Cocteau, e de artistas como Pablo Picasso e Ígor Stravinski para a soltura e o reconhecimento de sua obra literária ousada, perfidamente poética.

Genet foi abjeto, uma das palavras que mais aparecem no seu livro *Diário de um ladrão*. Se estivesse vivo, talvez nos dissesse: dane-se todo mundo, *vive la petit mort*, preferencialmente no meio de bofes que são do *job* nada magia e encontrados na sarjeta ou no esgoto vestidos de sangue e suor, saliva e urina, esperma, piolho e vômito, passando cheque (quem conhece pajubá vai entender o que quero dizer) e dando a elza no *playboy* da neca odara que anda de Camaro Amarelo

ao som de Kondzilla, ou de trapper que dança *twerk* na porta da cadeia e louva Yeshua, jamais um orixá.

É justamente abjeção o que falta nesta peça. A direção de Francis Mayer foca o trabalho com os atores. Thiago Brugger interpreta Genet com impostação que lembra teatro de rua tamanha a força, o que é absolutamente pertinente: Genet era gente da rua. Já o garoto de programa René, vivido por Fernando Braga, é quase um boca-de-ouro à *la* Nelson Rodrigues e imprime nas cenas a violência e a pulsão erótica que se esperava crescente desde o início, com três policiais esculachando Genet por conta de um tubo de vaselina, e encenando *cruising* nos moldes de surubão no Arpoador do Rio de Janeiro, ou no hoje quase mítico Autorama do Ibirapuera em São Paulo.

Composta sobretudo de homens gays – os que sobreviveram à Aids e viram muita gente amada partir, os que dão *match* ou *block* em apps de encontros amorosos, que tomam PrEP e assinam o *Only Fans* de César Ribeiro, personagem vivido por Cauã Reymond no *remake*



Elenco da peça *Marginal Genet*. Da esquerda para a direita, em pé: Samuel Godois, Thiago Brugger e Vinícius Moizés; sentados: Fernando Braga e Yago Monteiro. Foto: Franci

da novela “Vale Tudo” –, a plateia rapidamente se aqueceu e, com a mesma intensidade, esfriou. Vejamos!

A caracterização do comissário de polícia secreta Bernardini na pele de Vinícius Moizés é a melhor. Com bigodinho cafajeste digno dos desenhos de Tom da Finlândia ou dos livrinhos de catecismo de Carlos Zéfiro, jogou com Eros e Tânatos, Zé Pilintra e Tranca Rua, e mesmo de cueca branca fetichista quase o tempo todo, perdeu a audiência. Fez tanta *frottage* no próprio pênis que se esperava mais, que dançasse nu com o Genet de Brugger um *fusion tango* da banda – é bom dizer – parisiense Gotan Project, especialmente a canção *Santa María del Buen Ayre*, e que terminasse em vias de fato com revólver em punho e tudo mais. Que atingisse o êxtase com a violência e o lirismo que a obra do desgraçado poeta ladrão em questão exige. Aqui caberia exibir algum trecho do único roteiro, dentre os muitos escritos por Genet para cinema, que foi efetivamente filmado: *Un Chant d’Amour*, de 1949-1950 (disponível em: <https://share.google/LWtHcHi09wAP4DDdf>). Dirigido por

Nico Papatakis, dono de um cabaré em Saint-Germain-des-Prés, foi encenado por amigos de Genet, marginais como ele e ao modo caravaggista de ser, pintor que entre os séculos XVI e XVII usou como modelo cafajestes, bêbados e bandidos em vários de seus quadros barrocos com temáticas cristãs, alguns dos quais ainda hoje se encontram no interior de igrejas na Itália.

Veio então Lucien, o mais belo dos belos, que recebeu de Yago Monteiro camadas de doçura quase surda, que tirou a impostação inicial da rua e a trouxe para um beco qualquer. A sensação é de estar espiando a intimidade alheia, voyeurismo que transforma em trio os duplos iguais/homos tão corriqueiros na iconografia *queer*, de Narciso (olha o Caravaggio aí de novo!) aos relógios compassados e círculos tangentes do cubano Felix-Gonzalez Torres. Ou então do duplo teatral de Antonin Artaud, do qual nada entendo.

Se a peça perde aos poucos a violência e a pulsão erótica, ganha – e muito – no afeto, especialmente com a

cantora Charlotte Renaux, personagem das que menos conheço no universo de Genet, mas que acertadamente está atualizada como *drag queen* por Samuel Godois. Mais uma vez caberia aqui a exibição de outro trecho de *Un Chant d’Amour*, particularmente aquele em que um prisioneiro tenta passar flores pela minúscula abertura da porta de seu recinto para seu vizinho de cela nas mesmas condições.

O texto é ótimo e a luz, durona como deve ser. O cenário é composto de uma tela central na qual se esperava interação por vídeo, sombra ou mesmo que se transformasse em *dark room*; e simulação de grades de prisão nas laterais, que, aparentemente feitas de tubos plásticos para facilitar o transporte, não mostram rigidez, o teso pretendido.

Respeitando contextos originais, *Marginal Genet* se inicia alertando que termos e expressões de outrora, e hoje inadequados, foram respeitados por entender serem geradores de debates relevantes, neste nosso tempo em que mentiras tornam-se verdades e alimentam ataques e crimes

racistas, misóginos, LGBTQIA+fóbicos, etaristas, capacitistas, e elegem líderes mundiais que desrespeitam a diversidade e não suportam a divergência.

Jean Genet esteve em São Paulo em 1970. Na ocasião, Ruth Escobar havia montado do próprio Genet *O Balcão*, no mesmo teatro em que agora esteve *Marginal Genet*. No texto de apresentação de *Diário de um ladrão*, em edição brasileira de 2015, Ruth conta que o hospedou em sua casa e que certa noite ele resolveu dormir na mesma cama que ela. Melhor conhecer a situação por suas palavras:

Às vezes, de madrugada, (Genet) surpreendia-nos invadindo o nosso quarto, enfiando-se em nossa enorme cama D. João V [...]. O pior não era quebrar o sono, mas o chulé que se espalhava pelos lençóis. Eu reclamava:

– Jean, de novo você não lavou os pés antes de dormir?

Ele ria, adorando: – Mas é bom este cheiro, é do melhor queijo francês, autêntico *port-salut*.”

Eu saía tonta da cama, apanhava uma toalha embebida em água quente e sabão e, feito Maria, lavava-lhe os pés brancos, alvos qual leite.¹

Francis Mayer conhece bem o território em que transita nessa peça. Já produziu ou dirigiu outras dramaturgias de Genet, tratou de Pasolini e de Cazuza e trabalhou com Rogéria, “a travesti da família brasileira”, hoje citada na esfera do homem-gay-cis pelo ator Carmo Dalla Vecchia, “o viado da família brasileira”.

Fato é que, se por um lado *Marginal Genet* é excessivamente asséptica e falta abjeção, por outro acerta no trabalho com os atores em montagem afetada, afinal, ser afetado é sinônimo de ser tomado de afeto. Para completar, só faltou Jean Genet dizer: “Me dá colo, mas antes... dance e transe violentamente comigo!”. Enquanto isso, a plateia bem que podia cheirar e saborear queijo *port-salut*.

NOTA

1 ESCOBAR, Ruth. Apresentação. In: GENET, Jean. *Diário de um ladrão*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015. p. 5.

JOSÉ MINERINI NETO

Professor do Departamento de Artes Plásticas da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo CAP/ECA/USP, pesquisa história da arte moderna e contemporânea e da arte-educação no Brasil. Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais PPGAV da ECA/USP em parceria com o Teachers College, da Columbia University em Nova York, é autor de tese sobre a história da educação nas Bienais de Arte de São Paulo.